

AS REGRAS DA ARTE

de
Pierre Bourdieu
por
Irllys Alencar F. Barreira

A análise científica destrói a especificidade da obra literária, a começar pelo prazer estético?

Essa é a questão inicial que fundamenta opiniões já elaboradas sobre a incompatibilidade entre os domínios da arte e da ciência. Retomando o tema por outro ângulo, Bourdieu considera que, se a obra de arte é um desafio, a análise das condições sociais da sua produção e reprodução intensifica a experiência literária, tornando a análise científica o seu mais rico alimento.

Há, no entanto, especificidade na forma literária de falar sobre o real. De início, tanto a expressão literária quanto a científica baseiam-se em códigos convencionais e esquemas classificatórios que foram historicamente construídos. Mesmo assim, a estrutura social no espaço da obra literária só se revela parcialmente. Através do recurso a histórias concretas, exemplos ou “pedaços de tecido”, para usar uma expressão do autor, a obra literária cumpre sua função de falar da sociedade através de metáforas.

Assim, a obra literária, tal qual alquimia, opera como um eufemismo, espécie de dissimulação do autor e da realidade enunciada. E é por esse motivo que a leitura sociológica “rompe o charme”, colocando em suspense a cumplicidade que une autor com relação à denegação da realidade expressa no texto (p. 60-1).

Pierre Bourdieu (1992) *Les règles de l'art — genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Du Seuil, 480p. Edição brasileira: *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Irllys Alencar F. Barreira é professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

Não por acaso, as reflexões iniciais de Bourdieu vão no sentido de buscar uma espécie de “legitimidade sociológica” para interpretar a obra de Flaubert, *l'Education sentimentale*, que serve de ponto essencial de referência a discussões sobre o campo da produção literária.

As idéias de Bourdieu são desmitificadoras de uma série de preceitos construídos no campo intelectual francês que, de um lado, consagrou a explicação da criação artística ou literária a partir das “necessidades sociais históricas” e, de outro, enfatizou a força do projeto individual criador.

Um dos exemplos encontra-se na compreensão de Sartre do escritor como criador que, segundo Bourdieu, embora possua o mérito da ruptura com as determinações reducionistas do sujeito, termina omitindo a posição do escritor no interior do campo do poder. Outro exemplo, que também constitui ponto de crítica, refere-se à concepção de Michel Foucault sobre as obras culturais, que Bourdieu considera “uma das formulações mais rigorosas”, não obstante a omissão do papel dos agentes e seus interesses mediados pela violência simbólica.

Em síntese, a polêmica desenvolvida por Bourdieu referente às formas de produção simbólica fundamenta-se na crítica ao estruturalismo, já explicitada desde o livro *Ce que parler veut dire*. Nesta obra, o autor desenvolve a idéia da linguagem submetida a conflitos simbólicos oriundos de suas condições sociais de produção e reprodução, que não se explicam a partir da estrutura interna da linguagem como colocava Saussure. Nessa perspectiva, a instituição da linguagem autorizada representa a desmitificação de outras formas de expressão não reconhecidas, a exemplo dos dialetos.

No livro *Les règles de l'art*, a percepção da obra literária ou artística repousa no mesmo princípio da luta simbólica em torno da definição da arte legítima, fruto de uma dinâmica histórica na qual se constitui a autonomia do campo cultural.

Na segunda parte do livro, onde o autor enuncia os fundamentos de uma ciência das obras artísticas e literárias, encontra-se uma discussão aprofundada sobre a dimensão metodológica. “Reintroduzir o campo da produção cultural como universo social autônomo é escapar à redução que é operada em todas as formas, mais ou menos refinadas, da teoria do reflexo que subjaz às análises marxistas das obras culturais e, em particular, àquelas de Lukacs, Goldmann, que jamais são enunciadas completamente, talvez porque não resistam à prova da explicitação” (p. 284).

Na realidade, o pensamento desmitificador que propõe Bourdieu ancora-se na crítica tanto ao senso comum quanto a postulados científicos

construídos a respeito da compreensão da obra literária. Suas idéias estão em franca oposição à visão da arte como atividade desinteressada e livre, à visão do artista como ser genial ou à visão da obra como entidade independente.

As idéias sobre a produção de bens simbólicos que aparecem no campo artístico ou intelectual, entre outros, são pressupostos já desenvolvidos pelo autor em trabalhos anteriores, mas são melhor sistematizados no livro *Les règles de l'art*. Vale a pena retomar rapidamente certos princípios, que a partir de pesquisas concretas foram amadurecendo ao longo do tempo.

Segundo a perspectiva do autor, as formas de produção dos sistemas simbólicos atravessam distintos campos da vida social, efetivando-se a partir de um corpo de produtores especializados, em permanente conflito pelo monopólio da competência.

Observa-se, nesse raciocínio, uma nítida influência de Weber, que, no estudo da religião, percebeu o papel desempenhado por especialistas na definição e luta pelo monopólio do sagrado. Bourdieu pretende, no entanto, desenvolver o postulado, pouco praticado por seu criador, aplicando-o a diferentes campos da vida social. A luta entre especialistas no interior do campo literário ou intelectual é definida pelas possibilidades e estratégias construídas em torno do monopólio do saber.

Bourdieu retoma também de Durkheim a relação existente entre categorias sociais e categorias de percepção, entendendo, no entanto, que as classificações sociais, antes de serem fruto de uma construção universal, expressam o estado dos conflitos de visões de mundo. Trata-se de uma observação já formulada por Frederico Neiburg, em resenha publicada na *Folha de S. Paulo* de 10/5/1996 sobre as duas recentes obras de Bourdieu publicadas no Brasil.

Tais reflexões são importantes para que se compreenda por que Bourdieu afirma que a sociologia deve tomar por objeto não a “verdade”, mas as lutas em torno da sua definição. Os espaços de confronto efetivados por agentes a partir de diferentes posições permitem a percepção de diferentes pontos de vista, o caráter conflitivo da vida social, freqüentemente denegado no discurso do “bem comum”.

Essa formulação geral ganha especificidade segundo os diferentes campos analisados. A título de exemplo, a consagração do artista atravessa o percurso de luta pela definição de uma posição de reconhecimento no interior do campo artístico. As divisões aí existentes estão entre “a arte útil”, a “arte burguesa” e a “arte pela arte” como construção emblemática de um campo autônomo que tem em Flaubert um dos seus principais porta-vozes.

A originalidade literária do escritor está no fato de colocar em questão as formas vigentes de pensamento, provocando, segundo Bourdieu, uma resolução simbólica que unifica o lírico e o vulgar. “Escrever bem o medíocre” condensa o programa estético de Flaubert, na sua tentativa de conciliar os contrários e insurgir-se contra as classificações estéticas construídas (p. 140).

A leitura da *Education sentimentale*, segundo a interpretação de Bourdieu, sugere as vicissitudes vividas pela produção literária através de personagens que encarnam diferentes posições no mundo da arte. A trama de sentimentos vividos pelos personagens, entre os quais se destaca o amor impossível de Frédéric e Madame Arnoux, revela a ilusão romântica do encontro entre as possibilidades e as impossibilidades do campo literário. O personagem Frédéric, oscilando entre estratégias mutuamente exclusivas, representa “a incompatibilidade entre os dois universos, entre a arte e o dinheiro, o amor puro e o amor mercenário” (p. 43).

Mergulhando um pouco mais na obra literária de Flaubert, é importante destacar algumas dimensões. Em primeiro lugar, a linguagem lírica, cheia de recursos metafóricos que acentuam o amor de Frédéric por Madame Arnoux. Desde a primeira visão, o primeiro aperto de mãos, a narração segue a trilha dos encontros e desencontros, permeada pelo desejo afoito de Frédéric face aos obstáculos do mundo cotidiano. Há também no romance a exploração do “mundo interior” dos personagens, principalmente aqueles em torno dos quais a trama do enredo é tecida.

A idéia do amor impossível, com paixões parcialmente reveladas, faz do livro uma obra típica da escritura romântica, caracterizada por uma subjetividade contida, mas sujeita a rompantes oriundos de personagens acometidos pelo sentimento amoroso.

Trata-se de um romance à primeira vista igual a outros, não fosse o momento histórico da sua produção, expressivo da invenção da beleza pura, e as dimensões não inteiramente explícitas do mundo da arte, que Bourdieu tentou captar através da sua leitura.

A interpretação instigante de Bourdieu a respeito da obra de Flaubert, constituída a partir de um viés sociológico, é passível de discussões, muitas das quais geraram polêmicas. Maria Tereza Gramuglio, por exemplo, publicou uma resenha do livro de Bourdieu (revista *Punto de Vista*, p. 47, Buenos Aires, 1993), onde adverte contra a desconfiança na coincidência feliz entre o pensamento sociológico de Bourdieu e as reflexões de Flaubert.

De fato, a leitura que Bourdieu faz de Flaubert a partir de categorias sociais, tais como campo do poder e espaço social, sugere a existência de

uma analogia entre o sociólogo e o escritor. Podemos indagar, no entanto, se esse não é mesmo o propósito de Bourdieu, explicitado inclusive em uma tira de papel que enlaça a capa da edição francesa: “Le Flaubert de Bourdieu”. Nesse caso, o autor assume as diferentes possibilidades de interpretação de uma obra, incluindo a validade da leitura sociológica que seria capaz de desvendar o oculto, fazendo emergir o que está apenas enunciado de forma sutil e eufemística.

O livro de Bourdieu segue a trilha de um raciocínio que, partindo da discussão sobre a obra de Flaubert, encaminha-se gradativamente para discussões mais abstratas, nas quais estão os fundamentos de uma ciência das obras artísticas e literárias.

A linguagem utilizada demonstra, como sempre, um raciocínio abstrato que pode afastar leitores não familiarizados com a retórica do autor. Trata-se de um estilo próprio de escrita, com uso de parágrafos longos e expressões e metáforas que lhe são peculiares.

A penetração de seus trabalhos no Brasil revela que, pouco a pouco, Bourdieu passa a fazer parte dos autores contemporâneos representativos de grande solidez teórica, aliada ao mérito da validade empírica.

O livro de Bourdieu constitui uma sistematização bem elaborada de algumas das idéias produzidas em obras anteriores. As discussões sobre a troca de bens simbólicos, a gênese da estética pura ou o campo intelectual encontram-se delineadas em trabalhos anteriores, já editados no Brasil.

Na parte final do livro, Bourdieu convoca os intelectuais para um “corporativismo de caráter universal”, que consiste na construção permanente de uma autonomia do campo intelectual. Dessa postura resultaria uma conseqüente tomada de posição, condicionada por esse lugar privilegiado “onde se produzem e reproduzem os instrumentos materiais e intelectuais que chamamos de razão” (p. 472). Preserva-se, assim, o lugar da indignação e da crítica capaz de contrapor-se aos constrangimentos de ordem econômica e política.

É possível dizer que *Les règles de l'art* constitui uma espécie de indicação metodológica para a leitura de produções literárias e artísticas. Possui, nesse sentido, uma sutil analogia com *As regras do método sociológico*, na medida em que invoca questões importantes que a sociologia não deve negligenciar na observação das obras culturais.

A fecundidade do pensamento sociológico de Pierre Bourdieu para a compreensão de temas não convencionais retoma de forma criativa os possíveis diálogos entre a arte e a ciência.